

CAIXA
CULTURAL apresenta

Transborda
Brasília
2018



Transborda Brasília

2018

8 de agosto a 7 de outubro
CAIXA Cultural Brasília

Transborda Brasília 2018

Prêmio de arte contemporânea
para artistas do Distrito
Federal e Entorno.

8 de agosto a 7 de outubro
CAIXA Cultural Brasília
Galeria Acervo

Entrada franca
transbordabrasilia.com.br

COORDENAÇÃO
Brotô Arte e Projeto
Virginia Manfrinato
Paulo Oliveira

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Mira Produção e Arte
Bruna Neiva
Virginia Manfrinato

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO
Nina Ricardo
Gisele Lima

COMISSÃO DE SELEÇÃO
Agnaldo Farias
Clarissa Diniz
Guga Carvalho
Lisette Lagnado
Marília Panitz

PROGRAMAÇÃO VISUAL
Gabriel Menezes
Felipe Cavalcante
Luã Leão

PROJETO EXPOGRÁFICO
Brotô Arte e Projeto
Virginia Manfrinato

PROJETO LUMINOTÉCNICO
Caco Tomazzolli

ASSESSORIA DE IMPRENSA
Agenda KB

WEBSITE E MÍDIAS SOCIAIS
Loosa – Marketing Digital

FOTOGRAFIA
Joana França
Thais Valença

GESTÃO ADMINISTRATIVA
Paulo Oliveira

GESTÃO FINANCEIRA
Elisa Mattos

CENOGRAFIA
Marcenaria Polovina

PINTURA
LM Cenários

MONTAGEM
C²

MONTAGEM DE LUZ
Jó Capitólio

SINALIZAÇÃO E PLOTAGEM
WL Comunicação





TRANSBORDA BRASÍLIA 2018

—
Virginia Manfrinato

O **Transborda Brasília – Prêmio de Arte Contemporânea** chega à sua terceira edição com 12 artistas selecionados pelo júri composto por Agnaldo Farias (SP), Clarissa Diniz (PE-RJ), Guga Carvalho (PI), Lisette Lagnado (RJ) e Marília Panitz (DF), em exposição acolhida pela Caixa Cultural Brasília, cujos espaços já são parte da identidade do projeto.

Em 2018 fizemos mudanças importantes no prêmio que agora, apresentando 12 artistas, é capaz de exibir mais trabalhos de cada um, ampliando o entendimento de cada pesquisa. Percebemos que as inscrições, hoje inteiramente digitais, ampliaram o alcance do prêmio, que recebeu cerca de 40% mais propostas do que na última edição. Os três artistas finalistas desenvolverão ainda trabalhos a partir do acompanhamento crítico da curadora Clarissa Diniz. Das interferências entre a curadoria e artistas surgirão ainda outros desdobramentos.

É fantástico ver a exposição montada ao final dessa jornada, mas sabemos que a parte mais importante do projeto é a seleção das propostas. A cada edição, renovado o júri, novos recortes surgem. A diversidade de curadores amplia a circulação da produção local, transpondo fronteiras. É um olhar fundamental para uma maior projeção dos artistas das cidades do Distrito Federal e entorno. Simultaneamente, é também uma oportunidade para os curadores conhecerem nossa produção em artes visuais.

A realização do Transborda não seria possível sem o generoso apoio de nossos parceiros Caixa Cultural Brasília, Correio Braziliense, Agenda KB, A Pilastra, Restaurante Carpe Diem, Rede Plaza Brasília e, sobretudo, o patrocínio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal e Caixa.

A potência dos trabalhos aqui apresentados são uma pequena, mas muito representativa, mostra da produção dos artistas das XX cidades do entorno e do Distrito Federal que não mais se contém pelas fronteiras geográficas formais e que agora já faz parte do cenário das artes visuais do país. Bem-vindos ao Transborda Brasília 2018.

The **Transborda Brasília - Contemporary Art Award** is in its third edition, with 12 artists selected by a jury composed of Agnaldo Farias (SP), Clarissa Diniz (PE-RJ), Guga Carvalho (PI), Lisette Lagnado (RJ) and Marília Panitz (DF) in an exhibition hosted by Caixa Cultural Brasília, whose spaces are already part of the project's identity.

In 2018 we made important changes to the prize so that now, featuring 12 artists, we are able to display more works from each one, broadening the understanding of each inquiry. We realized that the digital entry format expanded the scope of the Prize, and we received about 40% more proposals than in the last edition. The three finalist artists will also create work accompanied by the curator Clarissa Diniz. From the curatorship's involvement with the artists, other discoveries will emerge.

It is fantastic to see the exhibition mounted at the end of this journey, but we know that the most important part of the project is the selection of proposals. By renewing the jury with each edition, new scenes emerge. The diversity of the curators widens the circulation of this city's local production across borders. It is a way to put a spotlight on the artists of the Federal District and its surrounding areas. At the same time, it is an opportunity for curators to get to know our production in the visual arts field.

Transborda would not be possible without the generous support of our partners Caixa Cultural Brasília, Correio Braziliense, Agenda KB, The Pilastra, Carpe Diem Restaurant, Plaza Brasília network and above all the sponsorship of the Fund for Support of Culture of the Federal District and Caixa

The power of the works presented here is a small but very representative sample of the production of artists from the XX cities of the Federal District and its surrounding areas, which are no longer contained by formal geographical borders and are now part of the visual arts scene of the country. Welcome to Transborda Brasília 2018.

TRANSBORDAR ADENTRO: OCUPAR

—
Clarissa Diniz

Quase 40 anos separam duas quebradas da arte brasileira: o projeto *Da Quebrada* (2018), de Gustavo da Cei, e o *PN28 Nas Quebradas* (1979), de Hélio Oiticica. Junto com o tempo, se distanciam também algumas das escolhas de linguagem de cada obra – como as preposições, os pronomes e a singularidade/pluralidade que indicam a quebrada como o lugar ao qual se pertence (*Da Quebrada*) ou como lugares por onde se passa (*Nas Quebradas*) –, evidências da heterogeneidade dos contextos sociais da produção das duas obras.

Nos anos 1970, embalado pela crítica à modernidade burguesa, o penetrável de Oiticica propunha uma pedregulhosa, estreita e enviesada espacialidade, informada pela arquitetura das favelas ("arquitetura de favela que é sem limite/os tiozinho, os Niemeyer dos madeirite", como atualiza o rapper Inquérito). Por sua vez, não é o espaço, mas o sujeito o protagonista de *Da Quebrada*. Enquanto o *PN28* implicava um corpo inespecífico, ainda que em estado de atenção dada a experiência física e simbolicamente vertiginosa do penetrável, o projeto de Gustavo da Cei ampara-se na espacialidade planar da fotografia para escapar da dimensão adjetivante da periferia e, noutra direção, apontar para seu caráter substantivo. Retratos e posteriormente revelados em cianotipia, são indivíduos autodeterminados, com nomes, corpos, rostos e performatividades singulares (como MC Debrete ou Pietra Sousa), que, por meio de lambe-lambes, impregnam as ruas: em especial, aquelas da Ceilândia, a maior cidade do Distrito Federal, a quebrada de onde vêm ou a partir da qual agem nesse mundo.

O projeto de da Cei politiza as expressões daquele lugar, ocupando-o de acordo com seus próprios interesses e estratégias. Aponta, assim, para a importância de reagir à apropriação, à exploração e à estetização do outro e da periferia, risco constante da arte em sua urgência de engajamento nas lutas contra a desigualdade e a violência social. Tal precisão ética e estética encontra reverberação nos outros artistas

que, nesta edição do TRANSBORDA, estão também atentos aos desafios e às contradições da "adversidade [da qual ainda] vivemos" (H.O.): Alice Lara, Cecília Bona, Cléo Alves Pinto, Diego Bresani, Hilan Bensusan, José de Deus, Kabe Rodrigues, Laura Fraiz-Grijalba, Raquel Nava e Rodrigo de Almeida.

Seus trabalhos não duplicam, contudo, a agenda dos movimentos sociais ou mesmo as estratégias de luta do ativismo. Por isso, fazem aportar à arte não apenas as questões ligadas aos corpos racializados e sexualizados que são pauta desses movimentos, mas sobremaneira subjetividades, sensibilidades e experiências perceptivas não normativas que são igualmente violentadas pelo capitalismo e que, por vezes, sobrevivem de seus restos. Saltam aos olhos a infixidez entre o humano e o animal, a ordinariedade ou o vestígio do consumo que é reinventado como subjetividade e ornamento, os exercícios de deambulação crítica, a dimensão a um só tempo analítica e ficcional do universo digital e das redes sociais, o pensamento editorial que recorta e reencena a história e as narrativas íntimas: aspectos que tensionam e elucidam a experiência social desde perspectivas não adestradas.

Assim é que, nesse entrecruzamento de artistas da região do Distrito Federal, algo parece estar se movendo sagaz e lentamente de lugar, forçando transformações nas tradições e centralidades históricas – como alguém que, da quebrada, irrompe e redesenha bordas: transbordar pra dentro não é expandir, mas ocupar. Como nos adverte Hilan Bensusan, em *O andarilho no plano* (2013), "o andarilho chega, ele tá chegando. Ele tá abrindo caminho, ele tá tendo lugar. Tudo o que acontece tem lugar. (...) O plano é uma encruzilhada, uma encruzilhada imensa. Como uma encruzilhada de tudo o que acontece. Uma encruzilhada de tudo o que tem lugar, a enorme encruzilhada dos existentes. (...) Todos existem de alguma maneira nessa encruzilhada. Todos. Todos. Todos! Todos os andarilhos! Tudo o que há".



OVERFLOWING WITHIN: OCCUPATION

—
Clarissa Diniz

Nearly 40 years separate two ghettos of Brazilian art: Gustavo da Cei's "Da Quebrada" (2018) project and Hélio Oiticica's PN28 "Nas Quebradas" (1979). Distance is created not only by time but also by some linguist choices in the titles of the work, like their prepositions, pronouns and the singular/plural difference, all which serve to signal the ghetto as a place to which one belongs "Da Quebrada" (From the Ghetto), or places through which one passes "Nas Quebradas" (In the Ghettos). These all point to the heterogeneity of the social contexts of the production of the two works.

In the 1970s, crushed by criticism of bourgeois modernity, the penetrating Oiticica proposed a boulder, narrow and skewed in space, informed by architecture of the favelas ("favela architecture is unlimited / the hoodlums, the Niemeyers of MDF", as the rapper Inquerito puts it). In turn, it is not the space, but the subject that is the protagonist of *Da Quebrada*. PN28 did not involve any specific person; the state of attention was given to the physically and symbolically vertiginous experience of the penetrable, while in contrast, Gustavo da Cei's project relies on the planar spatiality of photography to escape the ordinary descriptions of the ghetto and, at the same time, point to its more substantive character. Self-determined individuals are portrayed and later revealed in cyanotype: their names, bodies, faces and individual personas (such as MC Debrete or Pietra Sousa), who, through wheat-paste posters, permeate the streets: in particular, those of Ceilandia, the largest city in the Federal District, the ghetto from which the either come or operate.

Da Cei's project politicizes expressions of that place, occupying it according to its own interests and strategies. In this way, he indicates the importance of reacting to appropriation, to the exploitation and aestheticization of the "other" and of the ghetto: a constant line that art tows in its urgency to engage in struggles against inequality and social violence. Such ethical and aesthetic precision

finds reverberation in the other artists who, in this issue of *TRANSBORDA*, are also attentive to the challenges and contradictions of "the adversity [of which we still live]" (H.O.): Alice Lara, Cecilia Bona, Cleo Alves Pinto, Diego Bresani, Hilan Bensusan, Jose de Deus, Kabe Rodrigues, Laura Fraiz-Grijalba, Raquel Nava and Rodrigo de Almeida.

Their work does not, however, duplicate the agenda of social movements or even the strategies of the activist struggle. They bring to their art not only issues related to the racialized and sexualized bodies that are the basis of these movements, but above all to non-normative subjectivities, sensitivities and perceptive experiences that are equally violated by capitalism and which sometimes are left to survive on its remains. The unfixed nature between human and animal; the ordinariness or the vestiges of consumption reinvented as subjective and ornamental; exercises in critical ambulation; the at-once analytical and fictional dimensions of the digital universe and of social networks; editorial thinking that cuts and re-enacts history and intimate narratives: all aspects that stress and elucidate our social experience from untamed perspectives.

Thus, in this criss-crossing of artists from the Federal District, something seems to be moving sagaciously and slowly, forcing transformations in traditions and historical centralities – much like someone who breaks out from the ghetto and redraws its borders: overflowing from within is not to expand, but to occupy. As Hilan Bensusan warns us in *The Wanderer in the Plane* (2013), "The wanderer comes, he is coming. He's making a path, he's taking place. Everything that happens takes place. (...) The plane is a crossroads, an immense crossroads. Like a crossroads of everything that happens. A crossroads of everything that takes place, the enormous crossroads of the existing ones. (...) Everyone exists in some way at this crossroads. Everyone. Everyone. Everyone! Every single wanderer! Everything there is."





SÁDA





AGNALDO FARIAS

Curador, crítico de Arte e Professor Doutor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Foi Curador Geral do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1998–2000) e Curador de Exposições Temporárias do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (1990–1992). Também realizou curadorias, entre outras instituições, para Instituto Tomie Ohtake, Centro Cultural Banco do Brasil, Centro Cultural Dragão do Mar, de Fortaleza, Museu Oscar Niemeyer, de Curitiba, Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS e para a Fundação Bienal de São Paulo. Nesta última foi Curador da Representação Brasileira da 25ª Bienal de São Paulo (1992), Curador Adjunto da 23ª Bienal de São Paulo (1996) e da 1ª Bienal de Johannesburgo (1995). Atualmente é consultor de curadoria do Instituto Tomie Ohtake. Publica regularmente artigos e críticas em alguns dos principais jornais e revistas nacionais e é correspondente da revista de arte espanhola “Artecontexto”.



CLARISSA DINIZ

Crítica de arte e curadora. Gerente de conteúdo do Museu de Arte do Rio – MAR desde 2013. Graduada em Lic. Ed. Artística/ Artes Plásticas pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Entre 2006 e 2015, foi editora da Tatuí, revista de crítica de arte. De curadorias desenvolvidas destacam-se Refrações – arte contemporânea em Alagoas (cocuradoria com Bitu Cassundé. Pinacoteca da UFAL, 2010), Zona tórrida – certa pintura do Nordeste (cocuradoria com Paulo Herkenhoff. Santander Cultural, Recife), O abrigo e o terreno (cocuradoria com Paulo Herkenhoff. Museu de Arte do Rio – MAR, 2013), Ambigüações (Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 2013), Pernambuco Experimental (Museu de Arte do Rio – MAR, Rio de Janeiro, 2013), Do Valongo à Favela: imaginário e periferia (cocuradoria com Rafael Cardoso, Museu de Arte do Rio – MAR, 2014) e Museu do Homem do Nordeste (Museu de Arte do Rio – MAR, 2014). Atualmente, desenvolve o projeto da exposição A Guanabara antes dos Cariocas (cocuradoria com José Ribamar Bessa, Sandra Benites e Pablo Lafuente), que tem como foco a história indígena do Rio de Janeiro, realizada no Museu de Arte do Rio – MAR em 2017.



GUGA CARVALHO

Mestre em Estética e História da Arte, USP – Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre processo de criação (2008–10). É especialista em Gestão dos Processos Comunicacionais, pela Escola de Comunicação e Artes da USP, com pesquisa sobre crítica de arte e audiovisual (2005–06). Foi professor-orientador convidado pela ECA-USP, Núcleo EDuCom, na especialização *lato sensu* Mídias e Educação, linha Arte e Mídia (2011–2013). Tem mais de 15 anos de experiência em projetos culturais, gestão pública da cultura, comissões de seleção de editais e salões, entre essas a comissão do Prêmio de Artes Visuais – Fundação Monsenhor Chaves (2016); Edital Redes Funarte (2014); Salão de Artes Plásticas de Teresina (2013); Edital Funarte Publicação de Artistas de Referência (2011). Entre as exposições que organizou, vale notar: Urbanidade (2012), Poéticas do Coletivo (2012–13), Das Promissões e Outros Percursos (2013), Exposição em Montagem (2013), Passeio Completo (2014), O Filme Perdido (2014), Torquato, escrita da incompletude (2014), Arnaldo Albuquerque, narrativas da contravenção (2015), Catandub(v)a (2015) e Arame (2016). Foi curador-mediador local no Projeto Sesc Confluências (2015) e curador de processo na Residência de Criação da Prefeitura de Teresina (2016).



MARÍLIA PANITZ

Mestre em Arte Contemporânea: teoria e história da arte, pela Universidade de Brasília. Foi professora nesta universidade até 2011. Dirigiu o Museu Vivo da Memória Candanga e o Museu de Arte de Brasília. Desde 1994 atua como pesquisadora e coordenadora de programas educativos em exposições e com cursos livres de arte. A partir de 1999 passou a publicar artigos sobre artistas de Brasília em jornais e catálogos. É curadora independente, com projetos como: Felizes para sempre (BSB, Curitiba e SP, 2000–2001), Gentil Reversão (BSB, RJ, 2001–2003), Rumos Visuais Itaú Cultural (2001–2003 e em 2008–2010), Lúdico, Lírico (Berlim, 2002), CentrolEX|cêntrico (CCBB, 2003), Situações Brasília (Caixa Cultural e CCBB, 2005), Bolsa Produção para Artes Visuais (Curitiba, 2008–2010), Brasília: Síntese das Artes (CCBB/DF, 2010), Mostra Tripé Brasília | Linhas de Chamada (SESC Pompeia, 2011–2012), Mostra Rumor, Coletivo Irmãos Guimarães (Oi Futuro/RJ, CCBB/DF e SESC Belenzinho, 2012–2013), Azulejos em Brasília, Azulejos em Lisboa: Athos Bulcão e a azulejaria barroca (Lisboa, 2013), Projeto Triangulações (Salvador, Brasília e Recife, 2013, e Salvador, Belém e Maceió, 2014), Mostras de Carlos Lin e Polyanna Morgana, Andrea Campos de Sá e de Gê Orthof (Galeria Alfinete, 2013–2014), Christus Nóbrega, na AmareloNegro, Rio, e Gê Orthof (Referência Galeria de Arte, 2014), Prêmio Marcantônio Vilaça – Sesi/CNI (2014–2015).



LISETTE LAGNADO

Radicada em São Paulo desde a adolescência, Lisette é bacharel em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde também obteve o título de mestre. É PhD em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Foi curadora-geral da 27ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo (2006) e curou também a exposição de Iberê Camargo (1914–1994) na Bienal do Mercosul de 1999. O mais recente trabalho notório foi a curadoria da exposição Drifts and Derivations: Experiences, Journeys and Morphologies, no Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia (Madrid), em 2010. Iniciou sua carreira como contribuinte e coeditora da revista Arte em São Paulo, fundada pelo pintor Luiz Paulo Baravelli, e catalogou a obra do artista Leonilson (1957–1993). Foi redatora e crítica de arte do jornal Folha de S. Paulo nos anos 80. Foi coeditora da revista cultural eletrônica Trópico, publicada pelo UOL, e leciona na Faculdade Santa Marcelina. Dirigiu a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, até março de 2017.



ARTISTAS SELECCIONADOS

ALICE LARA

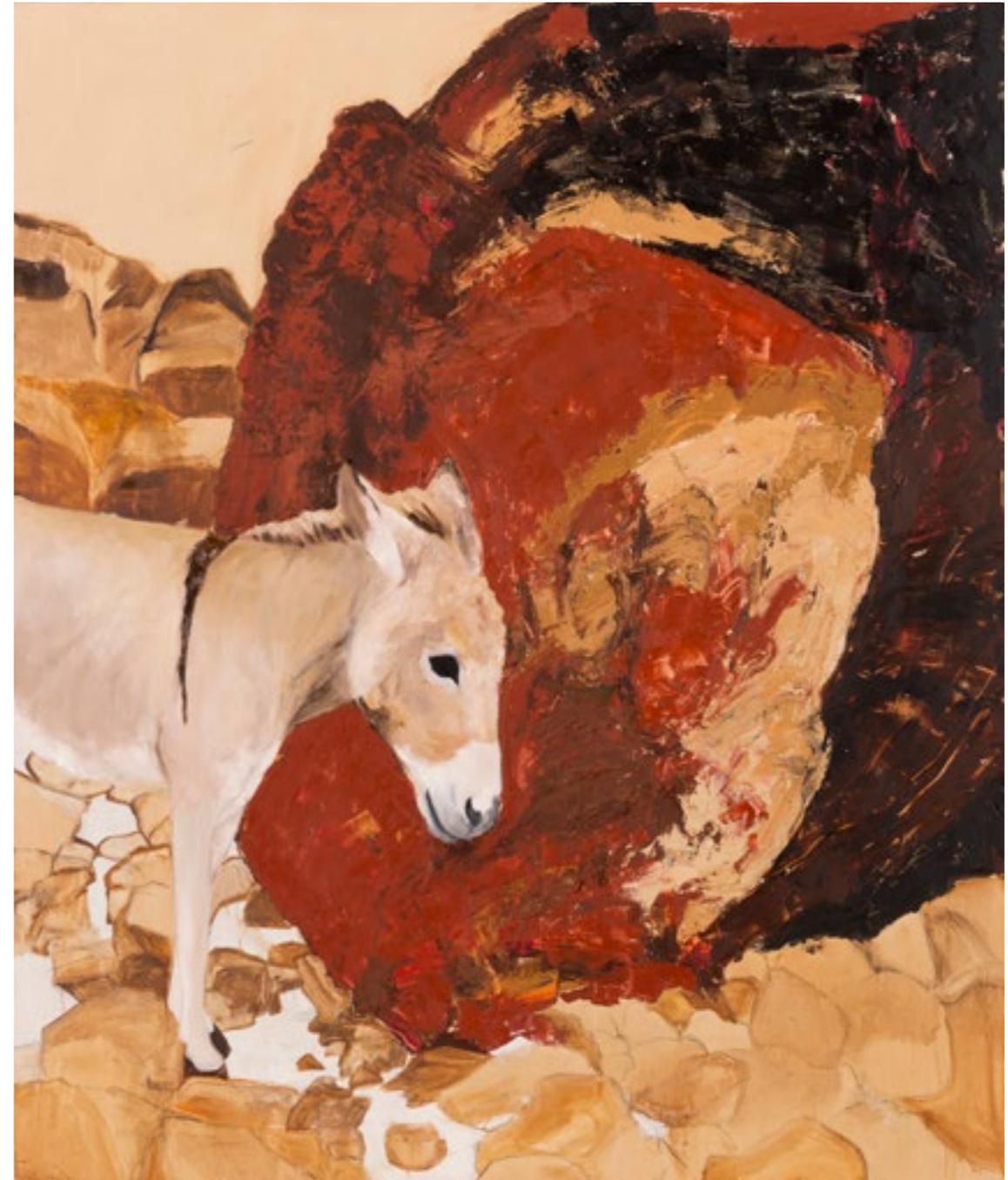
Brasília-DF

Graduou-se em Artes Visuais em licenciatura e bacharelado pela UnB. Mestranda em Poéticas Visuais na ECA-USP. Sua pesquisa, na pintura, investiga a representação de animais, suas relações com os seres humanos e como essas relações afetam ambos. Já participou de diversos salões no país, como o Salão de Abril, em Fortaleza, em 2010 e o Salão de Anápolis, em 2011 e 2014. Foi premiada em 2012, no Arte Pará, e em 2016, no Salão de Anápolis. Vive e trabalha em São Paulo.



Búfalos e os Siouxi
Série Resistência
2017

Jumentos de Jeriquaquara
Série Resistência
2017





Cachorros e veado
Série Resistência
 2017



Jumentos de Jeriquaquara
Série Resistência
 2017

CECÍLIA BONA

Brasília-DF

Nascida e criada na amplitude brasiliense, Cecília é bacharel em Desenho Industrial e mestre em Artes Visuais pela Universidade de Brasília. Em seu trabalho propõe objetos e instalações que promovem a experiência de fenômenos perceptivos e imensuráveis. Sua pesquisa é direcionada pelo interesse na luz, no tempo e no espaço. Explora a materialidade como potencial para dialogar com dimensões incertas. Foi contemplada individualmente com o prêmio Funarte de Arte Contemporânea 2013 e coletivamente em 2016 e já esteve em residências artísticas na Islândia e no Canadá.

Travessia
2017



Avalanche
2017





CLÉO ALVES PINTO

Brasília-DF

Cléo Alves Pinto nasceu em Curitiba (1979), viveu por muitos anos em Minas Gerais e mora em Brasília desde 2009. É arquiteta e urbanista e também formada em Pedagogia, ambos pela UFMG. Começou a fotografar profissionalmente em 2015. Antes de ser selecionada para o Transborda Brasília 2018, participou de três exposições coletivas, sendo a mais recente a "Transoeste", uma das mostras do Festival Foto em Pauta 2018. Por meio de projetos autorais, tem investigado questões como relações entre espaços públicos e privados, privacidade, modos de viver e de morar. Com a série Vitrinas de La Habana, procurou registrar esses espaços que geram estranhamento e curiosidade, nos quais produtos com características distintas são dispostos lado a lado, de um modo peculiar que lembra uma instalação artística.



VdLH 10
2017



VdLH 03
2017



VdLH 09
2017



VdLH 01
2017

DIEGO BRESANI

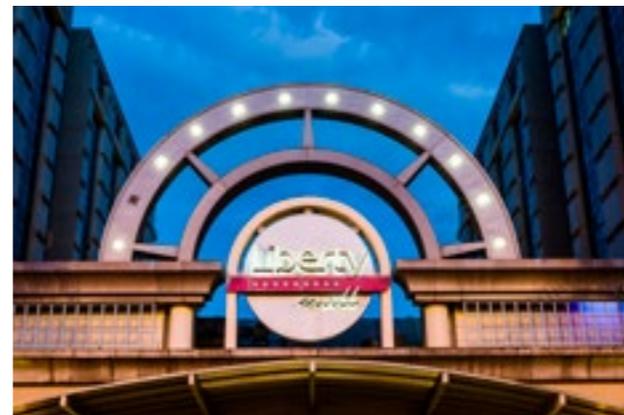
Brasília-DF

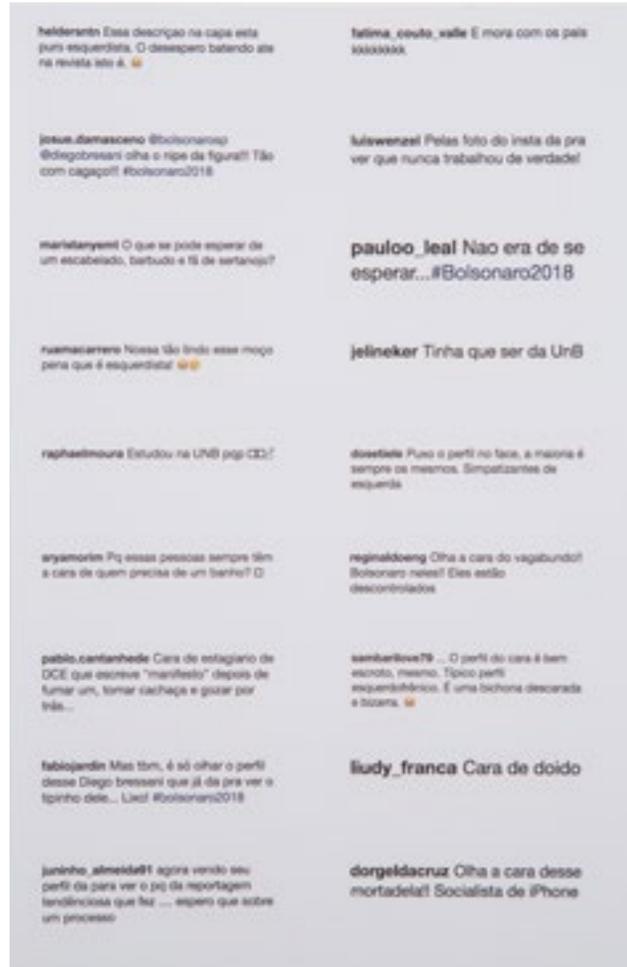


Diego Bresani é fotógrafo e diretor de teatro, graduado em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília em 2006. Trabalha com fotografia profissionalmente desde 2001. Já teve retratos publicados no New York Times, The Guardian, Paris Match, Revista Cult, Revista QG, Rolling Stone, entre outras. Estudou Retrato em Grande Formato no ICP – International Center of Photography, em Nova York. Em 2014, sua série *Ao Lado* foi a vencedora

do V Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia. Fez duas exposições individuais em Brasília: *Tuer/Matar*, em 2014, seguida de uma grande mostra na Galeria Athos Bulcão, intitulada *Respiro: retratos 01*, com curadoria de Matias Monteiro. A exposição reunia cerca de 180 retratos realizados ao longo de mais de 10 anos de sua carreira. Atualmente, trabalha em Brasília, São Paulo e Paris e pesquisa as fronteiras entre a fotografia documental e a encenação.

Nova Brasília
2018





GU DA CEI

Ceilândia-DF

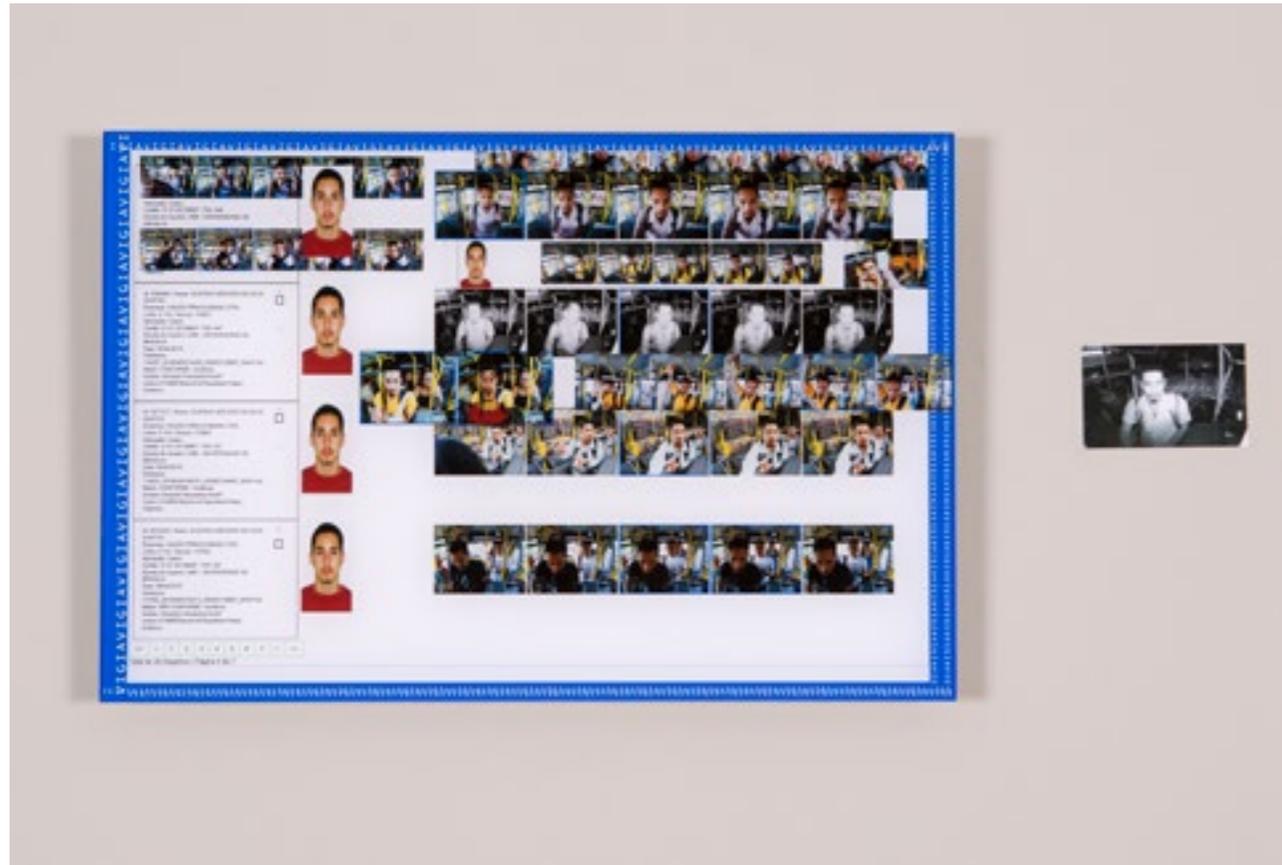


GU DA CEI, ou Gustavo da Cei, é ceilandense e pesquisador da Faculdade de Comunicação-UnB. Atualmente desenvolve o seu trabalho no âmbito da intervenção urbana, performance e vídeo, além de buscar compreender as possibilidades dialógicas entre processos históricos e contemporâneos da fotografia, bem como seus espaços de exibição e circulação. Alguns de seus lambe-lambes também podem ser conferidos no volume 8 do livro "O Direito Achado na Rua". Gu da Cei yes. Gu da Cei nada com nada. Gu da Cei tudo.

PREMIADO

Da quebrada
2018





Face recognition
2018



Universidade livre e autônoma
2018

HILAN BENSUSAN

Brasília-DF

Hilan Bensusan faz performance, filosofia e instalação. Habita a República Burguesa. Ensina e investiga na Universidade de Brasília temas como animismo, hospitalidade, futuros inorgânicos e interrupções. Fez performances e instalações em cidades como Bogotá, Bruxelas, Brasília, São Paulo, Londres, México, Paris, Montes Claros e Shashamane. Expôs em coletivas em Brasília, São Paulo, Lisboa, Brighton e Londres. Interessa-se pelas palavras situadas, pelas escritas desenhadas e pelas insolências públicas.





Andarilho no plano
2013

JOSÉ DE DEUS

Arniqueira-DF

José de Deus nasceu no Distrito Federal em 1993. Formou-se em Artes Visuais na UnB e cursa mestrado na linha Métodos e Processos em Arte Contemporânea na mesma instituição. Em seu trabalho, tem interesse em investigar manifestações culturais massivas e populares brasileiras e sua relação com questões políticas a partir de diálogos criados entre imagens produzidas por diversas mídias de comunicação a suportes precários, que são retirados do cotidiano e conversam com a linguagem midiática.



Sorria!
2017



O gerente ficou maluco
2018



JU LAMA

Águas Claras-DF

Ju Lama tem um pé na capoeira angola, outro no anarquismo, uma mão na música, outra nos desenhos, colagens, quadrinhos, cartazes, lambes. Do hardcore ao samba, com o coração arteiro, surgiu a vontade de contar histórias incríveis e, ao mesmo tempo, cotidianas de mulheres pela cidade. “Enquanto houver muros” é uma série de lambe-lambe, um experimento com misturas de linguagens para juntar e fortalecer afetos diversos, mulheres várias. Juliana nasceu no DF e é graduada em Desenho Industrial na UnB.



Todo dia
2017



Descoberta
2017



Autonomia emocional
2017



KABE RODRÍGUEZ

Recanto das Emas-DF

Kabe Rodríguez é travesti, trabalha como babá-curadora-artista-pesquisadora. Bacharela em Artes Visuais pelo Departamento de Artes Visuais – VIS da Universidade de Brasília, atualmente integra o corpo discente do programa de pós-graduação cursando mestrado na linha de Métodos e Processos em Arte Contemporânea. Participa do Coletivo Desculpinha e do grupo Curadoria Curadoria. Interessa-se em práticas transdisciplinares em diálogos diretos com táticas cotidianas de sobrevivência e resistência.

*(X86) ou Criando Vírus que Abre
Infinitas Abas =) ou DJ ABREABAS
2018*

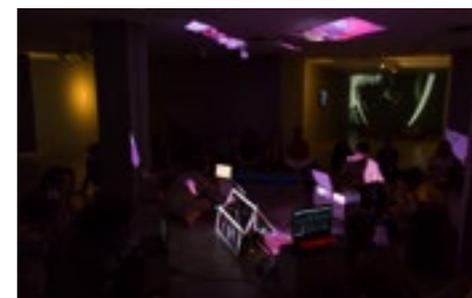




(X86) ou Criando Vírus que Abre Infinitas Abas =) ou DJ ABREABAS
2018



(X86) ou Criando Vírus que Abre Infinitas Abas =) ou DJ ABREABAS
2018



AVAST EXPERIENCE: antidoll
2018



Confronto de Banda:
300(MHz)
2018



LAURA FRAIZ-GRIJALBA

Brasília-DF

Laura Fraiz-Grijalba nasceu em São Paulo em 1996 e vive em Brasília há seis anos. Trabalha principalmente com gravura e vídeo, utilizando da apropriação de elementos da internet e do uso da própria imagem para falar sobre memória, violência e intimidade.

Inside my baby
2006

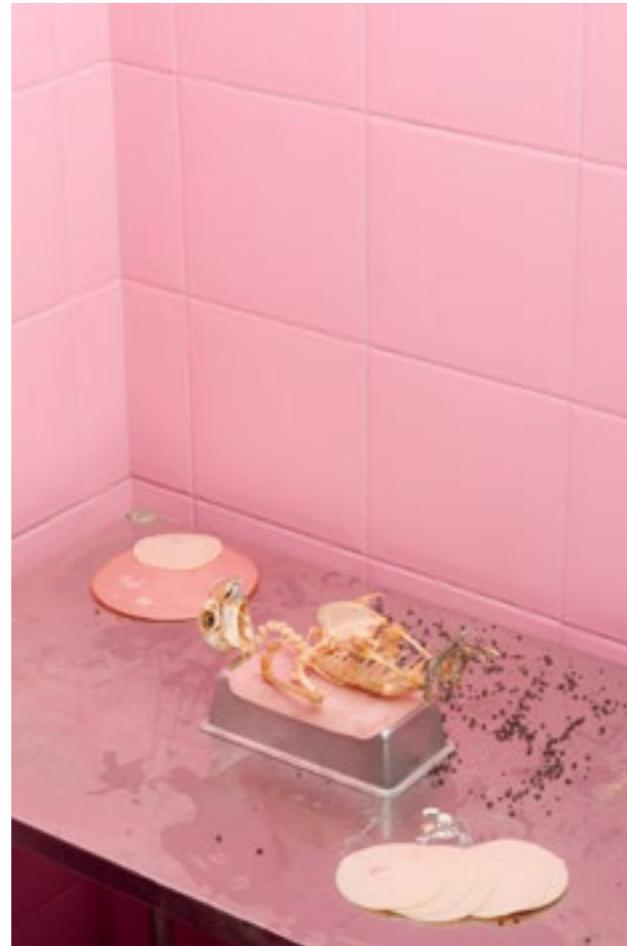




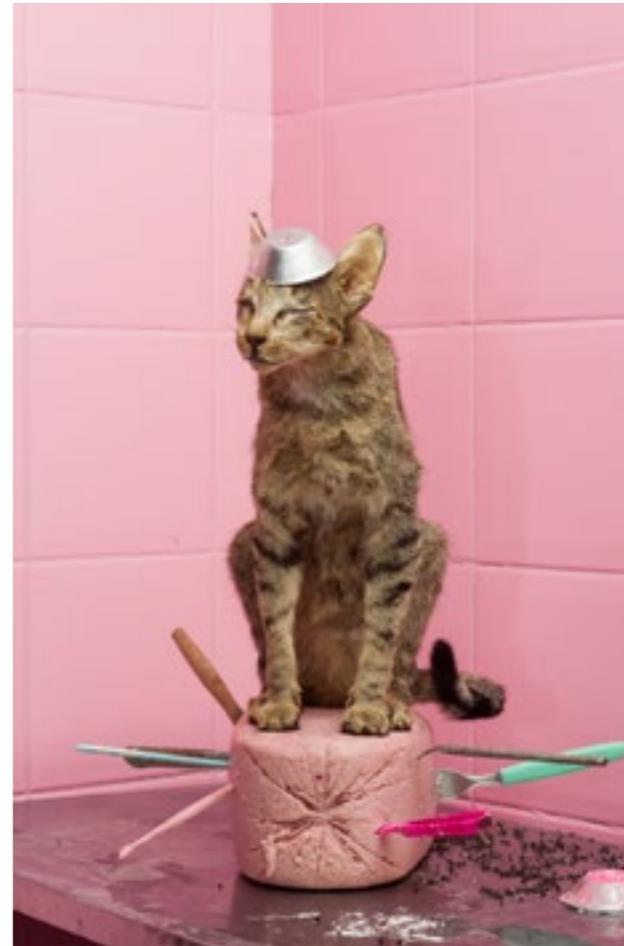
RAQUEL NAVA

Brasília-DF

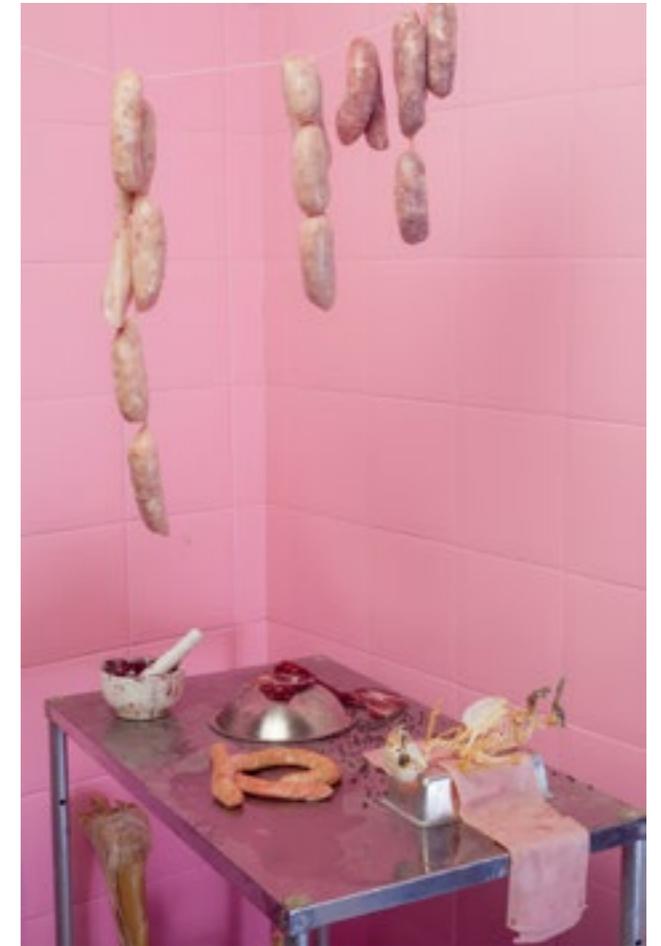
Raquel Nava investiga o ciclo da matéria orgânica e inorgânica em relação aos desejos e hábitos culturais, usando taxidermia e restos biológicos de animais justapostos a materiais industrializados em suas instalações, objetos e fotografias. A variação cromática com a qual trabalha nos objetos e fotografias se aproxima da paleta utilizada na sua produção de pintura. A diversidade de sua produção está nos experimentos com técnicas e materiais, mas sempre surge uma referência aos órgãos ou aos organismos.



Série "Paleta" obra #5
2018



Série "Paleta" obra #4
2018



Série "Paleta" obra #3
2018



Série "Paleta" obra #2
Série "Paleta" obra #1
2018

RODRIGO CRUZ

Brasília-DF

Rodrigo de Almeida Cruz nasceu em Taguatinga-DF, em 1989. Viveu sua infância e adolescência em Cidade Ocidental-GO, no entorno de Brasília, para onde se mudou somente aos 18 anos de idade, após iniciar seus estudos universitários. Começou a pintar em 2009, durante a graduação em Artes Plásticas na UnB, onde atualmente realiza uma pesquisa de doutorado. Em maio de 2017 realizou sua primeira mostra individual, intitulada Constrangimento do Tempo, na Alfinete Galeria, em Brasília.







DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. COMERCIALIZAÇÃO PROIBIDA.

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal

FAC
FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

Realização

Mira Brotô
Produção e arte ARTE E PROJETO

Apoio

**CORREIO
BRAZILIENSE**

Secretaria de
Cultura

**GOVERNO DO
DISTRITO FEDERAL**

Patrocínio

CAIXA

**GOVERNO
FEDERAL**